

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU

EM

CADERNOS

TOMO XXX

AGOSTO DE 1989

Nº. 8

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

AGOSTO DE 1989

Nº. 8

SUMÁRIO

Página

A reforma pública do Ensino	224
Subsídios Históricos	226
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	227
Autores Catarinenses	230
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	233
Breve relato histórico da Colônia São Pedro de Alcântara através de uma carta escrita pelo seu ex-pároco Padre Jacob Pies ..	235
A criação de ovinos em Blumenau	239
As pragas de ratos que assolavam a colônia	241
Polêmica na imprensa da colônia	243
O Visconde de Taunay critica o Ministro da Agricultura	245
Aconteceu — Julho de 89	250
Prefeitos de Blumenau nomeados em 1941	252
Justiça / Júri no começo do século	253

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 5,00 + 1,00 (porte) = NCz\$ 6,00
Número avulso NCz\$ 0,50 — Atrasado NCz\$ 1,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 10,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 15,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

A reforma pública do Ensino

Para a "reforma pública do ensino" no Estado de Santa Catarina o "Urwaldsbote publicou em seu jornal de 25 de fevereiro de 1911, um artigo muito certo a respeito deste assunto.

Eis o texto:

"A reorganização do sistema escolar é o programa principal do atual governo. Entende-se com isto a construção de grandes escolas em tais lugares onde existem várias escolas públicas próximas às outras escolas e que então serão alojadas todas no mesmo edifício. Esta é uma vantagem muito grande, porque as salas de aula são todas do mesmo tamanho e que até agora acontecia em casas alugadas com salas de diversos tamanhos. Na capital já foi iniciada a construção de um grupo semelhante, em Laguna uma construção também já foi planejada, e em Blumenau onde existem 3 escolas do governo, estão conferenciando sobre a compra de um terreno adequado. O órgão oficial "O Dia" chamou estes grupos como o primeiro passo para a reforma do sistema escolar. Pois estas escolas não só apresentam do ponto de vista pedagógico como também de higiene, um largo e firme passo para uma nova era.

A segunda questão mais importante é a introdução de adequado reforço docente, e para isto foi planejado uma reforma da Escola Normal. Um novo plano de ensino para esta instituição já está sendo elaborado. Neste, gentilmente será respeitado o ensino

do idioma alemão que até então faltava no plano de ensino. "O Dia" acrescentou: Em consequência das condições especiais de nosso estado que deve uma grande parte de seu desenvolvimento à excelente imigração alemã, o ensino do idioma alemão se faz necessário. Como vários professores em escolas nas colônias do Estado estão em contato diário com a população alemã, realmente precisam conhecer este idioma o que também facilitará seu convívio com estes mesmos colonos.

Também a supervisão das escolas deverá merecer mais atenção, para que futuramente o governo tenha uma visão mais ampla sobre o ensino administrado nas escolas.

Até a presente data — diz "O Dia", o ensino público foi uma grosseira farsa, sem aproveitamento, até prejudicial à sociedade. Outros dizem que o atual sistema de ensino tornou-se obsoleto, é atrasado e infrutífero. Mas se "O Dia" espera que nosso sistema escolar, em poucos meses sentirá esta forma radical, nós colocaremos um grande sinal de interrogação. Tais "reformas radicais" não são feitas apenas com uma assinatura; exigem constante e atencioso trabalho e os sucessos somente aos poucos se apresentarão. Mesmo as ordens mais bonitas não podem modificar da noite para o dia um sistema inapto, num sistema modelar. E é preciso alertar principalmente para uma precipitação nestas reformas que muitas vezes

pode levar justamente ao objetivo oposto.

Para esta reforma de ensino o governo incumbiu o professor Orestes Guimarães de São Paulo, que já foi licenciado pelo governo paulista para estes fins. Este senhor não é estranho para nós, pois organizou e dirigiu o colégio municipal de Joinville há anos passados por ordem do governo. Na escolha dos professores para estes grupos escolares pretendem dar especial atenção”.

(Até aqui o impresso)
(segue a tradução do escrito à máquina)

Completando o acima escrito, é de anotar, que nós consideramos a introdução do idioma alemão como uma experiência que servirá apenas aos pais teuto-brasileiros de que seus filhos ao frequentar uma escola do governo brasileiro também terão aulas de alemão e que assim a frequência de uma escola com ensino alemão se faz desnecessário. A nós é sumariamente conhecida a qualificação do professorando estadual e que nós sabemos que a planejada reforma do ensino principalmente se encontra registrado no papel e que a promessa do ensino do idioma alemão na prática apresentará nenhum resultado positivo. A referida reforma visa exclusivamente criar dificuldades às escolas de ensino alemão, é somente este o seu objetivo. A Sociedade Escolar prestará a máxima atenção a este plano e seus homens de confiança estarão atentos quais as consequências que este plano de reforma trará às escolas alemãs nos seus diversos municípios.

Pensamento

— O homem é um pedaço do universo que recebeu vida — Emerson.

Prestação de Contas até 25 de fevereiro de 1911.

1911 Entrada	
Jan. 1 em depósito	1.441.000
pag. feito	506.000
pag. feito	390.000

1911 Saída

Jan. 1º. comp. de 731 livro de canto	292.400
20 exemp. aritmética	11.000
impressão e despacho “Mitteilungen”	438.000
Papéis escolares em geral	473.900
Circulares	10.700
Diversos	85.800
Fev. 9 despesas por 1500 Rainha Luise	34.900
Fev. 22 — Por 10% provisão de distrib. para 1077 livros de Rel. dito 636	107.700
Quadros de História Natural de Jürges	63.600
1500 livros de leitura em alemão de Grium & Bürger para o Brasil	150.000
pag. à Viúva Würger por 750 quadros de Hist. Nat. a 500Rs. cada	375.000
pag. ao consulado alemão Desterro	153.000
Fev. 25 em Caixa	135.000
	2.331.000
S. Rs. 2:331.000	SRs. 2.331.000

1911
Fevereiro 25 Contrato Rs. 135.000

ass: **Herman Hering**
Tesoureiro”.

Tradução: **Edith Sophia Heimer**

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: **Rosa Herkenhoff**

Atendendo à consulta de um leitor joinvillense, interessado em saber detalhes a respeito do grau de parentesco entre os Príncipes de Joinville e seus herdeiros, citados no "Álbum Histórico do Centenário de Joinville", à página 21, transcrevemos abaixo o referido trecho, seguido de dados genealógicos da família dos Príncipes de Joinville.

"Pelo falecimento daqueles Duques de Chartres e Duque de Penthièvre, o Domínio Dona Francisca passou aos herdeiros Snr. Jean Pierre Clement Marie d'Orléans, Duque de Guise. Marguerite Louise Marie Françoise d'Orléans, Marquesa de Mac-Mahon e Duquesa de Magenta. Aage Christian Alexandre Robert, Príncipe de Dinamarca. Axel Christian Georges, Príncipe de Dinamarca, Erik Frédéric Christian Alexandre, Príncipe de Dinamarca. Viggo Christian Adolphe, Príncipe de Dinamarca. Marguerite Françoise Louise Marie Hélène, Princesa de Dinamarca".

Dados Genealógicos

Louis Phillippe I, Rei da França, nascido em 1773 em Paris, falecido em Claremont (Inglaterra), casado com Marie Amélie, filha do Rei Fernando I das Duas Sicílias e de Maria Carolina (1809). O casal teve oito filhos:

1) Duque d'Orléans, falecido em 1842 em Neully (acidente). 2) Louise, Rainha da Bélgica. 3) Marie, Princesa de Wuertemberg. 4) Duque de Nemours. 5) Clementine de axen-Coburg. 6) François, Príncipe de Joinville. 7) Duque d'Aumale. 8) Duque de Montpensler.

François-Ferdinand-Philippe-Lois Marie d'Orléans, Príncipe de Joinville, nascido em 1818 em Neuillysur-Seine, falecido em 1900 em Paris, terceiro filho homem do Rei Louis Philippe. Em 1843 casou no Rio de Janeiro com Dona Francisca, Princesa de Bragança, filha de D. Pedro I, Imperador do Brasil e Dona Leopoldina. O casal teve dois filhos: Françoise, Marie d'Orléans, nascida em 1844 em Paris e falecida em 1925 em Saint Ferrière e Pierre-Philippe d'Orléans, Duque de Penthièvre, nascido a 4 de novembro de 1845 em Saint Cloud e falecido em 1919, sem deixar descendentes.

Françoise, Marie d'Orléans em 1863 casou com seu primo, Robert-Philippe-Louis-Eugène-Ferdinand d'Orléans, Duque de Chartres, nascido em 1840 em Paris e falecido em 1910, segundo filho do Duque d'Orléans e da Princesa Hélène. Os Duques de Chartres tiveram quatro filhos: (Netos dos Príncipes de Joinville):

Neto (1) Marie, Princesa d'Orléans, nascida em 1865 e falecida em 1909. Em 1885 casou com Waldemar, Príncipe da Dinamarca, nascido em 1858 e falecido em 1939. Tiveram cinco filhos (bisnetos dos Príncipes de Joinville):

Bisneto 1) Aage, Conde de Rosenborg, nascido em 1887 e falecido em 1940. Em 1914 casou com Mathilde Calvi de Bergolo, nascida

em 1885, tendo o casal um filho (trineto dos Príncipes de Joinville), nascido em 1915: Waldemar.

Bisneto 2) Axel, nascido em 1888. Em 1919 casou com Margaretha, Princesa da Suécia, nascida em 1899. O casal teve dois filhos: Georg, nascido em 1920 e Flemming nascido em 1922.

Bisneto 3) Erik, Conde de Rosenborg, nascido em 1890. Em 1924 casou com Lois Booth, nascida em 1897. O casal teve dois filhos: Alexandra, nascida em 1927 e Christian, nascido em 1932.

Bisneto 4) Viggo, Conde de Rosenborg, nascido em 1893. Em 1924 casou com Eleanor Green, nascida em 1895.

Bisneto 5) Margarethe, nascida em 1895. Em 1921 casou com Rénatus, Príncipe de Bourbon-Parme, nascido em 1894.

Neto 2) Henri, nascido em 1867 e falecido em 1901.

Neto 3) Marguerite, nascida em 1869 e falecida em 1927. Em 1896 casou com Patrice de Mac-Mahon, Duque de Magenta.

Neto 4) Jean, Duque de Guise, nascido em 1874 em Paris e falecido em 1940 em Larache. Em 1899 casou com a Princesa Isabelle d'Orléans, nascida em 1878. O casal teve quatro filhos (Bisnetos dos Príncipes de Joinville):

Bisneto 6) Isabelle, nascida em 1900. Em primeiras núpcias casou com o Conde Bruno d'Harcourt, falecido em 1930. Em segundas núpcias, em 1934, casou com o Príncipe Murat.

Bisneta 7) Françoise, nascida em 1902. Em 1929 casou com Cristophe, Príncipe da Grécia.

Bisneto 8) Anne, nascida em 1906. Em 1927 casou com Amédée de Savoie-Aosta, Duque de Pouilles, falecido em 1942.

Bisneto 9) Henri, Conde de Paris, nascido em 1908. Em 1931 casou com Isabel d'Orléans e Bragança. O casal teve cinco filhos: (trinetos dos Príncipes de Joinville): Isabelle, Henri, Hélène, François e Anne.

Os dados acima foram extraídos das Enciclopédias: Larousse du XX e Siecle editado em Paris, França, e Brockhaus' Konversations-Lexikon, editado em Leipzig, Alemanha, 1882.

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (III)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 81: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para os sacerdotes binarem missas. Concedido em 30.07.1896.

Termo 82: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para construir um oratório na casa das Irmãs da

Divina Providência e posteriormente proceder sua bênção. Concedido em 12.03.1896.

Termo 83: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para rubricar alguns livros da paróquia. Concedido em 01.07.1896.

Termo 84: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para receber luteranos na Igreja Católica. Concedido em 25.04.1896

Termo 85: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Bernardo Freese e Maria Martini, em 27.04.1896.

Termo 86: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para que confirme em favor dele, as facultades já concedidas a Fr. Zeno. Concedido em 10.10.1896.

Termo 87: Portaria de fabriheiro em favor de Fr. Herculano, em 27.04.1896.

Termo 88: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Delphino da Silva e Augusta Guilhermina Hoemke, em 27.04.1896.

Termo 89: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Maria Oechsler e Fernando Dickmann, em 13.05.1896.

Termo 90: Provisão de dispensa matrimonial (mista religião) em favor de Luis Bucher e Emília Schultze, em 26.05.1896.

Termo 91: Carta pastoral de Dom José de Camargo Barros ao clero da diocese em 01.11.1896.

Termo 92. Portaria encarregando o vigário de Blumenau a atender a colônia de Luís Alves, em 30.12.1896.

Termo 93: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para guardar o SS. Sacramento na capela de Indaial e erigir canonicamente a Via Sacra. Concedido em 12.03.1896.

Termo 94: Carta pastoral de Dom José de Camargo Barros ao clero e fiéis da diocese de Curitiba, em 16.01.1896.

Termo 95: Repete a portaria do nº. 92. Traz também o pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo

para construir uma capela em Belchior, paróquia de Gaspar, sob sua jurisdição. Concedido em ... 13.02.1897.

Termo 96: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra: na matriz de Gaspar, na capela de São Ludgero de Rio do Teste, no oratório do povoado de São Rafael. Concedido em ... 26.01.1897.

Termo 97: Provisão de vigário encomendado por um ano em favor de Fr. Herculano Limpinsel, em 13.02.1897.

Termo 98: Provisão de fabriheiro da Igreja de Blumenau em favor de Fr. Herculano, em 12.03.1897.

Termo 99: Provisão quinzenal de celebração de missas na capela de N. S. do Carmo, em ... 23.12.1897.

Termo 100: Carta circular do Sr. Bispo que trata da coleta para a Basilica de Lepanto, em .. 15.10.1897.

Termo 101: Relatório e Balanço do ano de 1896 da Caixa Diocesana.

Termo 102: Carta circular do Sr. Bispo de Curitiba aos párocos, tratando da visita pastoral em 17.06.1897.

Termo 103: Autorização do Sr. Bispo dando licença para erigir e fundar uma capela em Luis Alves. Dada em 03.01.1898.

Termo 104: Portaria de ereção da Via Sacra na capela de N. S. do Rosário do Braço do Norte da paróquia de Blumenau, em 03.01.1898.

Termo 105: Provisão de vigário encarregado de Gaspar em favor de Fr. Herculano, vigário de Blumenau em 31.01.1898.

Termo 106: Provisão do Sr. Bispo por cinco anos para que a

capela de São Virgílio de Rodeio seja atendida pelo pároco de Blumenau ou outro sacerdote por ele designado. Dada em 03.11.1898.

Termo 107: A mesma provisão dada no mesmo dia e ano para as capelas de : Sant'Ana, em Aquidaban; de São José de Guarricinas; de Santo Ambrósio de São Paulo; do Sagrado Coração de Jesus no Caminho dos Tiroleses; de Santo Estevão de Jaraguá; de Nossa Senhora de Jaraguá; de São José de Tigerbach; da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Rio dos Cedros; da Virgem Dolorosa de Pommerstrasse; de Santo Antônio em Pomeranos, de Santa Maria Madalena.

Termos 118-125: A mesma provisão dada no mesmo dia e ano para as capelas de: Nossa Senhora do Bom Conselho de Massaranduba; de São Ludgero do Rio do Teste; de Badenfurt, de Santa Inês de Indaial; de São José de Luis Alves; de Nossa Senhora da Saúde de Luis Alves; de Santo Antônio do Braço do Norte de Luis Alves; de São João do Braço do Norte de Luis Alves.

Termo 126: Provisão de fabricante da Igreja de Blumenau em favor de Fr. Herculano Limpinsel, em 26.08.1898.

Termo 127: Provisão de vigário encomendado em favor de Fr. Herculano em 31.01.1898.

Termo 128: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para nomear um dos irmãos da Ordem como sacristão da matriz. Concedido em 10.01.1899.

Termo 129: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para receber as postulantes Catharina Beninca e Maria da Cruz Depiné na congregação das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 10.01.1899.

Termo 130: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para benzer o novo oratório das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 10.01.1899.

Termo 131: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra no dito oratório. Concedido em 10.01.1899.

Termo 132: Provisão quinquenal nomeando Fr. Herculano confessor ordinário das referidas Irmãs, em 11.01.1899.

Termo 133: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para a exposição e bênção do SS. Sacramento na capela das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 09.03.1899.

Termo 134: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para erigir uma Via Sacra no convento das Irmãs. Concedido em 23.06.1899.

Termo 135: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para fazer a exposição do SS. Sacramento no convento três vezes ao ano. Concedido em 23.06.1899.

Termo 136: Provisão do Sr. Bispo em favor de Fr. Herculano como vigário encomendado, em 13.02.1899.

Termo 137: Pedido de Fr. Zeno Wallhoeuhl ao Sr. Bispo para que possa dispensar da lei do jejum e abstinência alguns frades e Irmãs. Concedido em 09.12.1899.

Termo 138: Carta pastoral de Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba sobre a homenagem a Cristo Redentor e ao papa. Aos 16.01.1899.

Termo 139: Carta de Dom José comunicando sua partida a Roma para participar do Concílio Plenário Latino Americano.

Termo 140: Carta Pastoral de Dom José tratando do Concílio e consagração da Diocese de Curi-

tiba ao Sagrado Coração de Jesus, em 21.11.1899.

Termo 141: Provisão de fabricante da Igreja de Blumenau em favor de Fr. Zeno Wallhoehl, em 09.12.1899.

Termo 142: Correspondência do Sr. Bispo ao pároco, solicitando várias providências com relação à paróquia, em 31.01.1900.

Termo 143: Carta Circular do Sr. Bispo aos vigários, em 25.01.1900.

Termo 144: Provisão de vigário encomendado em favor de Fr. Zeno, em 29.03.1900.

Termo 145: Carta Coletiva dos Bispos Americanos sobre o Concílio Plenário da América Latina, em 29.07.1899.

Termo 146: Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre as Escolas Paroquiais, em 02.02.1900.

Termo 147: Carta Circular que trata do aniversário natalício do Papa Leão XIII em 03.02.1900.

Termo 148: Relatório de Fr. Zeno sobre as Missões realizadas em Indaial de 18 a 26 de fevereiro de 1900.

Termo 149: Provisão de confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência, em Blumenau a Fr. Zeno Wallhoehl, em 09.03.1899.

Termo 150: Provisão de confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência em favor de Fr. Herculano, em 12.01.1900.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANAZIO

Um dos poucos romancistas catarinenses (por adoção), GLAUCO RODRIGUES CORRÊA vem num crescendo em seus sucessivos textos. Iniciando sua carreira de escritor como contista, passou-se depois para o romance policial, gênero em que obteve muito sucesso, e agora, sempre ansioso de espaços onde espriar sua criatividade, acaba de lançar "O Rei da Floresta", romance sem outros adjetivos (Editora Lunardelli — Florianópolis — 1988).

Neste livro, ao longo de 190 páginas, o autor trilha novos caminhos. Em linguagem simples e direta, cheia de humor e ironia, registra a vida de um fictício professor e poeta interiorano e o romance que ele escreve supondo seja "o gênero histórico com o qual espera sejam abertas as portas da Academia de Letras", sua maior ambição. Livro bem escrito, fluente na linguagem e veraz no tema desenvolvido, não hesito em prever mais um sucesso de público e crítica.

THEOBALDO JAMUNDÁ está publicando mais um de seus ensaios. Trata-se de "A águia da tua bandeira" (Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte — Florianópolis — 1988), onde estuda sob múltiplos aspectos o pouco conhecido pavilhão catarinense. Focalizando nosso símbolo estadual na sua história, criação, cores, dimensões, usos e tudo mais, argumenta no sentido de que seja mais e melhor cul-

tuado, conhecido e estudado, em especial nas escolas. O volume é bem documentado e ilustrado, além de contar com as bênçãos do Governador do Estado (Apresentação), do jurista Alcides Abreu (autor das "orelhas") e de uma colunista social (última capa), o que, por certo, lhe garantirá carreira vitoriosa.

Numa comemoração dos 90 anos de "Papá Hemingway", que se completariam a 21 de julho, se ele estivesse vivo, reli seu romance de estréia, "O sol também se levanta". Esse romance lhe deu muito prestígio quando apareceu, embora seja de pouca densidade e nada criativo. A evolução do escritor, nas obras seguintes, seria acentuada.

Hemingway escrevia de forma direta e enxuta, com clareza e segurança. Seus heróis não se envergonhavam de ser homens e assim se portavam. Esses ingredientes lhe valeram a antipatia e até o desprezo, pois a moda consagrou os homens que agem de maneira feminina e os textos caóticos, obscuros. Tal modo de escrever, teria dito Graça Aranha, é a garantia de ser julgado "profundo".

Felizmente, porém, ainda existe muita gente que gosta de boa literatura, e o 90º aniversário do "velho" Ernest está sendo muito bem comemorado, aqui e no Exterior, e seus livros se vendem muito bem.

A Rede Bandeirantes de Televisão apresentou minissérie sobre a "Colônia Cecília", uma experiência anarquista realizada no Estado do Paraná, e que tinha como líder o italiano Giovanni Rossi. A série foi bem feita, filmada nos próprios palcos dos acontecimentos e de muita autenticidade. Uma realização sobre tema em geral desconhecido de nossa história.

Sobre a "Colônia Cecília" existem dois grandes livros, um do paulista Afonso Schmidt e outro do paranaense Newton Stadler de Scruza, o primeiro mais romanceado. Renato Pallotini teatralizou o tema em livro publicado pela Editora Tchê e sobre ele também escreveu o ensaísta Alvir Riesemberg num de seus mais conhecidos trabalhos. Consta que a catarinense Beatriz Pellizzetti é versada no assunto mas não conheço sua produção a respeito. É de estranhar que Antônio Arnoni Prado não tenha incluído o episódio na coletânea "Libertários no Brasil", que organizou para a Brasiliense (1986).

Esse acontecimento tão curioso tem alguma relação com nosso Estado. É que, com o fracasso e consequente dissolução da "Colônia", Giovanni Rossi emigrou para Santa Catarina e viveu por alguns anos em Rio dos Cedros, contratado pelo Governo do Estado para dirigir a Estação Agronômica. "Nesta então desenvolveu grande atividade na agricultura, — escreveu o historiador José Finardi, — visando ao melhoramento das condições dos colonos seus patrícios, fornecendo-lhes

as mais variadas espécies selecionadas de plantas e sementes (...). Conjuntamente com seu auxiliar e amigo Emembergo Pellizzetti, fundou cooperativas, congregando os colonos para melhor venda de seus produtos (...). Por insinuação dos franciscanos de Rodeio, Giovanni Rossi era muito temido entre a população. Tinham os colonos medo de aproximação com ele, devido à fama de que fora revolucionário, comunista, maçon, etc., mas no fundo era um homem estudioso, de alta cultura e possuidor de um grande e generoso coração, jamais interferindo junto às idéias religiosas ou políticas dos colonos. Tinha uma profunda e sincera afeição ao Brasil, especialmente a Blumenau." ("Colonização Italiana de Ascurra" — Edição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" — 1976 — págs. 83/87).

Segundo o historiador, a passagem de Rossi ficou marcada no Alto Vale e muito lhe deve a região pelos serviços que prestou à comunidade.

A televisão não agrada em geral aos intelectuais. Muitos lhe viram as costas por julgá-la incapaz de qualquer atuação verdadeira no meio cultural.

A telenovela é a mais criticada. Nem ao menos é considerada pelos teóricos tradicionais da literatura. Não me consta que algum deles a considerasse um novo gênero literário e como tal a estudasse.

Artur da Távola, considerado o nosso "filósofo da televisão", vem procurando acabar com esses preconceitos e provar que a novela de TV é um gênero literário emergente, com linguagem e técnica próprias, sem similar na história, e que assim deve ser encarada. Misto de ficção, teatro e cinema, ela substitui o folhetim que os jornais publicavam em rodapé, com uma abrangência de público incomparavelmente maior. Admitido isso, sustenta ele que uma nova forma de arte está conquistando seu lugar ao sol — a **videoteratura**. Apesar do nome pouco elegante, a **videoteratura** já conquistou adeptos, entre eles o escritor, acadêmico e professor Afrânio Coutinho, de cuja autoria acabo de ler dois artigos sobre o tema.

A qualidade da obra é outra questão. Assim como existem maus contistas, romancistas e poetas, também existirão maus autores de novelas. A crítica e o público é que farão o julgamento.

PENSAMENTOS

- O homem é pior inimigo dele próprio — Cícero.
- Todo o homem é culpado pelo bem que não fez — Voltaire.
- A mulher será sempre o perigo de todos os paraísos. — Paul Claudel.
- A mulher ama ou odeia; não conhece meio-termo. — Ciro.
- Glamour é quando um homem sabe que uma mulher é uma mulher. — Gina Lollobrigida.
- Os dias que nos fazem felizes, fazem-nos sábios.
- O êxito na vida é o resultado de um esforço, não de um milagre.

As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESER, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA — MATÉRIA TRANSCRITA DO LIVRO DO MESMO AUTOR SOB O TÍTULO "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(continuação do nr. anterior)

Mas se alguém pensa que um dos acionários tenha se interessado por esta questão, está muito enganado. Muitas reuniões aconteceram e eu sempre pedia a um conhecido que chamasse a atenção dos presentes para o problema já citado, mas nada de positivo se conseguiu. Chegaram à conclusão de que nenhum deles entendia alguma coisa sobre o real funcionamento da fábrica e que seria mais fácil entregar tudo nas mãos do técnico, que resolveria a questão. Estas faladas reuniões sobre a fábrica de manteiga eram mais reuniões políticas do que técnicas, onde as eleições municipais e outros assuntos políticos eram discutidos.

Devido a ilimitada falta de interesse, se não proposital negligência com respeito ao Sindicato de Ordenhadores, traçaram eles um risco vermelho através de todo o desenvolvimento da fábrica.

Na terra das possibilidades ilimitadas, acontecem muitas coisas impossíveis. Por que Blumenau precisava fugir à regra? Todos os três presidentes que ocuparam o cargo, nada entendiam de produção leiteira e por isto também ocuparam o cargo. A aparência, para o exterior, devia ser conservada. Logo, os senhores membros do conselho admi-

nistrativo reconheceram sua posição indigna e depuseram o cargo, deixando a direção para alguém que conhecesse bem esta matéria e que fosse produtor leiteiro que já estivesse em atividade no comércio da manteiga.

O misterioso e sempre mais afastado comportamento dos exportadores, logo foi entendido com a vista das carroças carregadas até o alto com caixotes de manteiga, através a rua principal. A empregada podia continuar em seus antigos afazeres. Repentinamente a manteiga tinha uma saída muito grande e corria novamente dinheiro para a colônia e, assim, os amargos dias, semanas e meses foram esquecidos.

Por bastante tempo não seria preciso pensar em bloqueio; a anotação dos preços seguia normalmente. Passamos a enviar naturalmente nossa manteiga.

Diz um ditado que "a camisa encontra-se mais próxima que o paletó". Por isso, a fábrica de laticínios que tornara-se de qualquer forma uma grande problemática, que ficasse esperando até chegar sua vez. Quem poderia cixigir de nós que depois de ter sofrido estas grandes perdas que deixássemos nossa manteiga aqui e negligenciar-nos com nossa freguezia? Não podemos ter qual-

quer consideração para com aqueles sócios que não eram e nunca tinham sido comerciantes, muito menos a senhora "X". Resultado: A fábrica até então ainda não entrara em funcionamento.

A fábrica na enchente de 1911

Como já foi mencionado anteriormente, a fábrica deveria iniciar suas atividades em 1.º de outubro de 1911. A instalação no dia anterior tinha sido mais uma vez testada e tudo funcionava muito bem. A manteiga tinha sido encomendada até o dia seguinte para as 7 horas da manhã. Na noite anterior o porão havia sido duplamente refrigerado e grande quantidade de gelo foi estocada. Nada deveria faltar para que no dia da inauguração a esperada massa de visitantes e autoridades, bem como a imprensa, colhessem a melhor das impressões. Durante semanas estava chovendo fortemente e os rios em toda a região começavam a encher. Eu ainda estava ocupado com os últimos preparativos até altas horas da noite, enquanto que a chuva continuava a cair copiosamente. Ouvia de longe o rugir das águas do rio Itajaí. A localização da fábrica, que era à margem do rio, estava a 6 metros acima de seu nível, por isso que, até meia noite, a metade da fábrica já estava coberta pela água e nossa bomba de água ali instalada havia sido destruída por um tronco de árvore. Ao chegar em casa, vi meus vizinhos ocupados em fabricar canoas para pôr a salvo as famílias cujas residências iam sendo invadidas pelas águas. Nos lugares mais baixos da cidade, a água já havia coberto tudo e muitas ca-

sas também. Depois de ter também providenciado o transporte de minha família para lugar seguro, retornei à fábrica, apaguei o fogo da fornalha, libertei o vapor da pressão e comecei a soltar e desparafusar tudo o que podia e levantar o que era possível para impedir que fosse atingido pelas águas. Pela manhã, às 5 horas, já havia entrado certa quantidade da enchente nas demais dependências da fábrica. O rio tinha cada vez uma correnteza mais violenta e eu vi que estava na hora de me por a salvo também. A água subia sempre mais e mais e das janelas das residências eu podia ver as águas destruírem as grandes janelas da fábrica, janelas estas por onde entravam os vasilhames de leite. Tudo seguia correnteza abaixo. A água alcançou na fábrica a altura de quatro metros e meio. Depois de dois dias o nível das águas começou a baixar e então eu pude ir até a fábrica.

A construção nada tinha sofrido, mas como em alguns lugares a margem cedera com a força da correnteza, o perigo de deslizamento da fábrica era evidente, mas felizmente isto não aconteceu.

Passaram-se vários meses até que a fábrica voltasse à atividade precariamente. Neste meio tempo, a procura da manteiga blumenauense teve um aumento de procura do norte. Antes o sr. "X" lamentou o desastre que se abatera sobre Blumenau, mas logo em seguida começou a exigir os prometidos 230 réis, já multiplicados como constava do contrato. Exigia imediatamente o funcionamento da fábrica. Assim, também tivemos que enfrentar es-

tã questão tão desagradável. Em Blumenau lamentava-se que as águas não tivessem levado a maldita fábrica, pois assim não teriam mais este monstro diante dos olhos. Mas todos os lamentos de nada adiantaram e a fábrica reiniciou suas atividades. Eu me instalei imediatamente e enviei à diretoria dados sobre os prejuízos causados na instalação da fabricação do gelo e das bombas de água, etc., informando que sem estas o início, mesmo precário, não seria possível. Muito contrariados, enviaram no início

algumas centenas de quilos de manteiga e esta era da qualidade mais baixa, a chamada italiana. — Que mal faz — pensavam — que assim se faça, porque a boa manteiga, até o presente momento, não sabemos de sua aceitação? Todos sabiam, inclusive eu, que com esta manteiga mesmo submetida ao método novo patenteado, nada poderia fazer com que melhorasse sua qualidade. Fiquei sozinho com este problema. Por ora ninguém tomava interesse pelo assunto.

(Continua no próximo número)

BREVE RELATO HISTÓRICO DA COLÔNIA SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA ATRAVÉS DE UMA CARTA ESCRITA PELO SEU EX-PÁROCO PADRE JACOB PIES

Raulino Reitz

Tradução e comentário

Gutweiler, paróquia de Waldrach, distrito de Trévere (Trier), 11-07-1911.

Reverendo Senhor Padre!

De posse de sua valiosa correspondência participo-lhe atentamente que deixei, há 23 anos, a paróquia de São Pedro de Alcântara.

Apagaram-se em minha memória muitos nomes e fatos desta Colônia, pelo que apenas posso apresentar um pobre relato desde o ano de 1828, respectivamente 1829, quando os primeiros colonizadores foram enviados para lá. Quando eu cheguei aí, em junho de 1883, tinha tanta coisa para fazer, além das minhas obrigações, como pregação nas tífis e

capelas e em alguns estabelecimentos alemães pertencentes à vizinha freguesia de São Miguel, que não me lembrei de fazer anotações da tradição, que me foi narrada.

Naquela época firmei o propósito de nos últimos anos, de 1886 a 1887, elaborar uma pequena crônica da paróquia; mas, infelizmente, não cheguei a tanto, porque já havia decidido de, no final de 1887, retornar para a Alemanha, o que realmente aconteceu no ano de 1888.

A primeira capela, onde, de início, o povo se reunia aos domingos e dias santificados, foi a capela de Santa Bárbara, que agora se situa num lugar afasta-

do, entre a freguesia de São Pedro de Alcântara e (capela) filial de Santa Filomena, com um cemitério no entorno, no qual muitos alemães encontraram seu último repouso. Por ser distante, eu só celebrei missa lá algumas vezes, em 5 anos. Devo dizer que este lugar sagrado me proporcionou emocionante impressão. Por devoção, como há tempo fui informado, a capela foi reformada.

A capela abaixo, bastante próxima, distante cerca de uma hora, situada no fundo do vale do (rio) Louro, dedicada a São Pedro (Apóstolo), foi construída muito mais tarde; o porquê eu não sei. O distrito chama-se Biguaçu, porque o rio Louro deságua neste riozinho (Biguaçu), cerca de 3/4 de hora embaixo da capela. Este território, que no meu tempo pertencia à freguesia de São Miguel, junto ao mar, deve estar agora vinculado a São Pedro. Neste município eu tinha, muito mais distante, a capela de Rachadel, onde também moram muitos alemães, aos que eu provia a cura de almas, ainda que esta capela também pertencesse a São Miguel.

Depois que a capela de (Santa) Bárbara fora mais abandonada, construiu-se uma capela em São Pedro, para onde foi transferido o culto divino, que constava de orações e leituras do missal Goffiné. Também um fulano tentou a pregação, no que saiu-se mal. Por desgraça foi vítima de caçadas. No entanto, quanto me lembro, a atual igreja de São Pedro foi construída, como sei, sob as ordens do Reverendo Padre (Rupert) Bucher. Este foi antigamente beneditino da Abadia de Fiecht, no Tirol, e foi 12 anos pároco em São Pedro. Ninguém

pôde-me certificar para onde ele foi. Seu antecessor (Padre) Meinolph Traube era encardinado na Diocese de Trévere (Trier). Ele veio na década de 50 para São Pedro e ficou lá só alguns anos. Recebeu então um encargo no Rio Grande do Sul. Foi ele o primeiro pároco de São Pedro. De 1828 até a década de 50 o povo precisava se dirigir, para fins de batizados e (pagamento) de taxas, a São José, beira mar, nas alturas de Florianópolis, numa penosa caminhada por pântano e sujeira. Também no meu tempo os caminhos em São Pedro, como se dizia e se escrevia nos jornais, eram os piores de todas as freguesias de Santa Catarina. Padre Traube, no começo da década de 60, voltou para a Alemanha e faleceu, em 15-09-1872, como pároco da aldeia de Wissmann, na Eifel.

Há pouco eu achei casualmente uma lista dos alunos alemães de catequese da paróquia de São Pedro, que joguei no fogão. Talvez eu teria podido com ela refrescar minha memória.

Quero trazer à memória alguns nomes daqueles que iniciaram, em 1829, a colônia de São Pedro.

Uma família Endres, de Altstrimming, meu torrão natal, Hunsrück, distrito de Zell. Uma filha, que ainda se lembrava da Alemanha, ainda vivia na minha saída, casada com certo Clasen, de Oberemmel. Dificilmente me recordo dos prenomes.

Um respeitável ancião, Hannes Berens, de Treis, no Mosela, veio ainda solteiro para São Pedro; tinha apenas uma filha casada com um fulano Reitz, na freguesia de São Pedro. Um certo Adão Schmitt, seu irmão Nicolau,

na freguesia de São Pedro, como me recordo, da Paróquia de Münstermaifeld. Não sei mais, se com seus pais, ou avós. A família deixou uma grande descendência. Adão Schmitt ficou rico.

Uma família Junkes, de Kena, no Mosela. Dois irmãos viviam na paróquia de São Pedro com numerosa descendência. Não sei se eles ainda tinham irmãos. Dois irmãos Reinert moravam no Louro, distrito de Biguaçu; vieram com seus pais de Filzen, no Sarre. Nicolau, um dos irmãos residia mais perto da capela de São Pedro do Louro; era meu hospedeiro, quando lá parava. Sua mulher, Maria Schmitz, nascida em 1821 em Coenen, no Sarre, além de Filzen, veio em 1829 junto com seus pais e ainda sabia contar muito da Alemanha, até do antigo convento de Cartuchos, além de Trévere (Trier), o que ela ouviu de seus pais. Muito brava gente; a boa mulher esteve acamada quase 10 anos, por causa de artrite. Vieram ainda para São Pedro, em 1829, muitas outras famílias, que todavia novamente se mudaram em diversas direções.

A segunda leva principal (de alemães) veio no ano de 1846. Nela havia 2, ou 3 Reitz, de Hirschfeld perto de Sohren, no Hunsrück, dos quais um morava na paróquia de São Pedro, o acima mencionado genro de Berens, de Trévere (Trier), no Mosela. Um certo Jacob Goedert, de Karden no Mosela, com numerosa descendência, morava, como estalajadeiro, na freguesia. Não sei também, com certeza, se veio como criança, em 1829.

De Altstrimmig vieram duas famílias: 1. Antônio Klein enterado junto à capela do Louro. 2.

Reitz? ?, chegado posteriormente, morador da paróquia de São João de Tijucas, no Garcia.

De Moerdorf, Hunsrück, um certo Franz Meurer, morador, porém de São Miguel. De Theleg, perto de S. Wendel, 2 irmãos Freiberger, freguesia de São Pedro. De Wirschem, paróquia de Münstermaifeld, 2 irmãos, Anton e Jacob Kretzer. Uma família Koerig, dois irmãos e uma irmã pertencentes a São Pedro. Não sei mais se a família já emigrou em 1829.

O senhor pároco Ohters poderia tirar da tradição um apanhado sobre as famílias e suas procedências para a história da paróquia. Uma boa ajuda para isto daria seu velho e honrado professor senhor August Schnitzler, na sua capela filial de Santa Filomena, onde ele certamente vai muitas vezes. Este já está lá cerca de 50 anos. Seria, pois, também o tempo mais apropriado em se encontrar para o futuro a tradição possivelmente correta. Mantenho ainda correspondência com o senhor Schnitzler e pedirei para ele lhe ser útil. Ele conhece todas as famílias dos arredores e muito ouviu dos velhos alemães.

Eu gostaria de enviar à Vossa Reverendíssima minhas ofertas para os fins correspondentes num total de 100 M (marcos) mas ando agora de caixa baixa. Devo esperar até março próximo. O senhor certamente até lá ainda deverá estar em Stommela. Caso não, então peço corresponder-me por cartão postal. Li com grande interesse seu artigo no Landeszeitung. Vou, porém, escrever para este pequeno jornal, porque não quero dependurar meu nome no sino grande.

Eu já pensei em enviar um

jornal ao Vigário Geral Topp, em Florianópolis, como agora se escreve, mas não achei conveniente face aos atuais acontecimentos no Brasil. O senhor Topp, para minha grande alegria, me visitou, em 1905, na minha antiga paróquia de Langerwitz, no Mosela. Deveria vir uma vez a Trévere (Trier) quando lhe pediria também me visitar: Estação Sommerau, estrada Trévere-Hermeskeil. Gutweiler fica no alto perto de Sommerau, 20 minutos a noroeste acima.

Com muito apreço e prazerosos cumprimentos, seu muito afeiçoado Jacob Pies, pároco.

Biografia de padre Jacob Pies

Padre Jacob Pies, nascido na Alemanha, em Altstrimmig, Hunsrück, distrito de Zell, exerceu o cargo de pároco na freguesia de São Pedro de Alcântara, município de São José, estado de Santa Catarina, de 17-07-1883 a 08-04-1888. Neste último ano retornou para a Alemanha, onde consecutivamente administrou as paróquias de Langerwitz, no Mosela, e de Gutweiler, Waldrach, no distrito de Trévere (Trier). Nesta última paróquia escreveu, em carta, a 11-07-1911, uma ligeira, mas importante crônica sobre a paróquia de São Pedro de Alcântara, endereçada ao ex-pároco de São Pedro de Alcântara padre João Batista Steiner (1844-1902), que também regeu a mesma paróquia de São Pedro de Alcântara de 08-04-1888

a 01-02-1902 e faleceu no ano de 1935 como cura da igreja de Queçaba (ex-Teresópolis), em Santa Catarina.

Comentário

Agradeço as gentis colaborações nesta tradução da carta ao Cônego Roberto Wyrobek e à dona Gisela Ilse Frida Reckelberg. Esta me reescreveu em letras latinas a carta originalmente escrita em grafia gótica, o que me facilitou a tradução do texto.

Cônego Roberto Wyrobek, ex-pároco de São Pedro de Alcântara é de parecer que a presente carta foi endereçada provavelmente ao Padre João Batista Steiner, que foi pároco de São Pedro de Alcântara de 08-04-1888 a 01-12-1902, quando de passeio na Alemanha; e foi por este entregue a Padre Ohters, então pároco de São Pedro de Alcântara, que por sua vez teria confiado a carta a Cônego João Adão Reitz, de cujo arquivo pessoal me chegou às mãos. Graças a esta alternada trajetória este valioso documento escapou, em 1925, do incêndio do arquivo paroquial de São Pedro de Alcântara.

Padre João Batista Steiner também foi, por muitos anos, cura de Queçaba (ex-Teresópolis) onde faleceu, em 1935.

A carta-crônica de Padre Jacob Pies foi por mim depositada no Arquivo do Arcebispo, em Florianópolis, em 1989.

Endereço: R. Reitz, c. postal 30, 88220 — Itapema — SC.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil Blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

A criação de ovinos em Blumenau

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 23 — Sábado, 2 de junho de 1883 — Ano 3

Artigo publicado com o título: "CRIAÇÃO DE OVINOS EM BLUMENAU" discurso feito por August Müller na Sociedade de Cultura (Culturverein).

"Ovinos encontra-se em Blumenau desde a sua fundação. O Dr. Blumenau, muito empenhado em trazer para a mesma qualquer fonte de renda não temia gastos ou esforços, não só trazendo as mais variadas espécies de plantas de cultura de todas as partes do mundo. Também visava os animais úteis. Sabemos que a introdução do agora tão espalhado gado holandês foi obra sua. Já antes da fundação da Colônia, tinha ele na sua estação experimental na Velha, abelhas européias, às quais a Colônia nos últimos anos deve uma boa renda. Da mesma forma também já existia um pequeno número de ovinos de lã grossa, das naturais daqui, mas com seu grande valor de raça. Apesar de que foi constatado que ovinos aqui se criavam bem como também sua multiplicação era boa e não eram atacados por epidemias, a criação nos 30 anos de Colônia fundada, não faz muito progresso e o número continua sendo reduzido. Isto se deve talvez ao seguinte:

Primeiro: Todo e qualquer morador estava interessado logo em provir sua casa com leite, manteiga e queijo. Depois de ter instalado um pasto partia primeiro para o gado leiteiro e repro-

dutores que por muitos anos foram um artigo muito procurado e ao mesmo tempo bem pago. Razão porque dedicavam mais atenção à criação de gado e em criação de ovinos pouco se interessavam.

Em segundo lugar vem a caça que naquele tempo era muito praticada e os cães de caça confundindo muitas vezes uma cria de ovino com outro animal o matavam, prejudicando desta forma muito a criação. Já com o rebanho do Dr. Blumenau na Velha aconteceu este fato e mesmo pessoalmente sofreu grande perda, em minha colônia antiga em Belchior. Um cão de caça de um vizinho atacava os cordeiros. Ainda poderia citar outros acontecimentos; tais como um vizinho que sofrera grande prejuízo de seu rebanho por cães de caça, teve que pagar pesada soma de dinheiro porque se atrevera a denunciar o mesmo vizinho e seus cães, somente porque defendia o rebanho em sua propriedade, destes ataques. Se esta condenação foi de acordo com a Lei eu duvido muito e hoje mais ainda. Na prática pouco se pergunta pela Lei. Enfim cães de caça tinham o privilégio e foram assim em verdade a causa de um não crescimento do rebanho ovino aqui em Blumenau.

Em terceiro lugar tinha o fator lã que era a parte mais valerosa e importante aqui tinha

pouco valor e não apresentava perspectiva para seu aproveitamento. Em pequena proporção era fiado e usado para tricotar meias; desta forma como rendoso pouca expectativa. Assim o pêlo de carneiro continuava como mantas dos cavalos de montaria. Os colonos alemães que pouco valor davam ao luxo, sabiam como usar outro material para a montaria que era bem mais barato. Desta forma imigrantes se viam obrigados a dar-se ao trabalho da criação de ovinos.

Atualmente muitas destas circunstâncias se modificaram. Os senhores Karsten, Hadlich e Röder estão instalando uma fiação e tecelagem que também aproveita a lã. Desta forma é dada a oportunidade de repassar lã de boa qualidade economizando altos fretes e impostos aduaneiros.

Além de tudo a caça a antas e porcos silvestres se pode dizer findo o número de cães de caça que estão reduzidos e cai de ano a ano; além disso temos agora uma Câmara Municipal que lançou decretos regulamentando a posse de cães. Estes regulamentos são bons para os criadores e possuidores de rebanhos ovinos. O aproveitamento da caça existente já está tão reduzido enquanto a criação de ovinos para a Colônia seria de grande proveito.

A maior parte de nossa Colônia é de terreno de morros e elevações. Todas as culturas daqui ali crescem enquanto a terra é nova, mas uma cultura constante não é possível, porque com chuvas muito fortes e camada fértil é levada pela correnteza. De agora em diante a cultura de cana-de-açúcar, fumo, batatas passarão mais para os terrenos planos, como

por exemplo em Itoupava, Rio dos Cedros em Rodeio e assim por diante. A plantação de café só pode ser feita em terreno acidentado se este for fértil e bom. O restante de terrenos acidentados fica destinado ao gado. Em terrenos baixos e férteis onde existe ainda um terreno bom para ser arado está destinado ao gado leiteiro e o preparo de manteiga que trará bom rendimento. Nos vales mais acima como Encano e o Alto da Velha a criação de ovinos, seria aconselhável. Um terreno de cerca de 100 morgen para este fim não serviria se a criação for de grande escala. Ali nestas regiões, as colônias são um pouco maiores em parte colonos que não puderam sustentar-se com a plantação, abandonando as mesmas, ou as passaram a vizinhos, mais outras deverão seguir o exemplo.

Em verdade toda outra região é boa para a criação de ovinos, menos aqueles lugares pantanosos e úmidos.

Sobre o rendimento de uma criação de ovinos pouco se pode dizer; aí é preciso esperar o conhecimento, mas o que se pode afirmar já que entre os colonos alemães tem muitas probabilidades de êxito. Mais êxito do que a criação do bicho da seda, o plantio da uva terá a criação de ovinos por ser mais ou menos conhecida dos colonos da região. Posso também garantir que já foi iniciado experiência, neste sentido, o senhor Juliano Paupitz que realmente se interessa muito por questões de agricultura já há algum tempo iniciou seu estudo, desta questão. Senhor Paupitz resolveu importar animais do Rio Grande do Sul. Para preparar um pasto adequado já no ano passa-

do desmatou um grande trecho para o preparo do pasto. Para o transporte dos animais entrou em contato com o senhor Kirchhol de São Bento que importou do sul 300 cabeças, para saber como proceder. Como seu pasto ainda não está preparado para receber tão grande quantidade, ele transferiu para o próximo ano esta compra. Senhor Paupitz sempre mostrou boa visão para tudo que iniciava, desta forma, esperamos que seja bem sucedido com este novo empreendimento. Grandes trechos de terra na região colonial, que foram mais tarde abandonadas pelos colonos agora sujeito ao abandono poderiam ser aproveitadas para os rebanhos de ovinos e com o tempo tornar-se-iam boas e férteis. Para atualmente fundada fábrica de tecelagem e fiação seria de grande validade, se pudessem receber a lã de tão

perto. Também não devemos esquecer que a carne de cordeiro é muito saborosa. Esta seria uma opção dos colonos nos meses de verão, sendo esta carne bem melhor que a de suínos, que até o presente momento é a que não falta na mesa dos colonos. Não por último a carne de suíno é causadora também das feridas nas pernas que tem problemas de aclimatização. Qualquer colono que é proprietário de uma boa porcentagem, pode sem muito trabalho manter um rebanho de ovinos de modo que tem carne de carneiro e reduzir a carne suína pela metade.

Como verifiquei pelo "Blumener Zeitung" a Sociedade de Agricultores no Encano também resolveu começar a incentivar a criação de ovinos nesta Colônia. Tradução - Edith Sophia Eimer.

AS PRAGAS DE RATOS QUE ASSOLAVAM A COLÔNIA

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 39 - Sábado, 23 de setembro - 1883 — Ano 2

Artigo de 1ª. página de A. Müller.

Título: "Sobre as causas da enorme quantidade de ratos e camundongos, e sobre seus inimigos naturais".

"Não somente pelas doenças de que é atacada a cana-de-açúcar e causando grande prejuízo aos colonos da Colônia Blumenau e em muitos Distritos causado por ratos e camundongos. Alguns sofreram prejuízos consideráveis

sentido por ocasião da safra. Onde existiam, pequenas plantações de cana destinada ao gado e que permanece até o inverno, foram parcialmente ou totalmente destruídas sobrando apenas alguns pés de cana. Também outras plantações como batata e aipim foram atacadas pelos roedores. (Minha plantação de feijão próximo a floresta, foi totalmente destruída).

De onde vem, perguntam todos, esta quantia enorme de ratos e camundongos? É sabido que estes roedores multiplicam-se ra-

pidamente tanto na Europa como aqui. Como sabemos é necessário uma grande porção de alimentação para todos os animais, inclusive para os ratos, e camundongos e certamente tendo esta em profusão causou o seu aparecimento em massa. Repetidas vezes ouvi de moradores da serra que as qualidades de taquara que aparecem lá crescendo entre as madeiras e nos meses de inverno servem de alimentação do gado; em períodos de dez a doze anos chegam a florescer, estão carregadas de pequenas sementes, recheadas de uma espécie de farinha, secando mais tarde e caindo depois. Nesta época o aparecimento de roedores é enorme e quando acabaram as sementes os mesmos invadem outras plantações e casas de moradores, tornando-se verdadeira praga. Também aqui existem algumas qualidades de taquara, por exemplo na região do Salto e do Weisbach o chamado taquari. Encontra-se em todas as áreas livres e nas margens do rio. Há dois anos passados este taquari floresceu e estava carregado de sementes e atualmente suas ramificações encontram-se no chão e o denso mata-gal desapareceu. O mesmo, também aconteceu como Taquarussú, muito abundante nesta região.

Bem como na região serrana como aqui, também a enorme quantidade de camundongos deve estar relacionada e depois que as sementes do Taquari foram devorados procuraram outras plantações. Uma outra circunstância também deve estar relacionada já que neste ano as palmiteiras quase nada apresentam de frutos. É conhecido que as sementes da palmiteira não servem no inver-

no não só para alimentação de periquitos e do Jacú mas também aos roedores. Podemos agora deduzir a voracidade dos periquitos que assaltaram em massa as laranjeiras. Certamente os camundongos também dependem desta alimentação e como ela estava em falta, procuraram em outras localidades, o que lhes faltava.

Falta responder a segunda pergunta: de que forma nos livraremos desta praga que causou tanto prejuízo?

A única proteção das plantações é trazê-las bem limpas. Não é só capinando bem que se consegue a limpeza, como também o prejuízo causado pelos ratos é reduzido. Mesmo que ratos e camundongos apareçam em grande quantidade o prejuízo que causam já é bastante grande. Acontece com plantações semi cobertas pelo mato ou em regiões com declive onde os roedores aparecem em maior número, portanto quanto mais limpo melhor. Numa área limpa quando se aventuram para fora dos escoderijos são vítimas fáceis de seus inúmeros inimigos naturais. Numa plantação de cana-de-açúcar onde a vegetação é mais serrada, o esconderijo é fácil para eles; esta medida, não é a forma apropriada. Nossos gatos, inimigos naturais dos roedores preferem o chão seco e limpo. Nas plantações, o mais aconselhável são cães de pequeno porte, quando acompanham seu dono na limpeza da área; estes procuram e tiram os animais de suas tocas. Mas tanto gatos, cachorros e mesmo veneno seria de pouca validade num aparecimento em massa de roedores. Todos estes meios são insuficientes para o extermínio quan-

do esses animais aparecem em massa, se a natureza não tivesse seus próprios meios para tal e trazer novamente o equilíbrio em seu ambiente. Se de um lado a natureza proveu certas espécies de animais de grande possibilidade de multiplicação, do outro lado existem muitos animais como inimigos naturais desta espécie. Logo que o número destes roedores alcançar quantia elevada, seus inimigos naturais também aumentam. Naturalmente, os colonos estão interessados em proteger e aumentar o número de seus inimigos naturais. Passemos a enumerá-los. Nenhum animal é da natureza melhor escolhido do que a coruja. À noite iniciam sua caçada justamente então quando os pequenos roedores deixam as tocas e começam seu trabalho destruidor. Foi constatado que uma coruja precisa de aproximadamente de 2.300 camundongos a-

nualmente para sua alimentação. Mesmo assim são perseguidas e caçadas por adultos e crianças. Antes seria desculpável a caça a aves de rapina que ocasionalmente roubam uma galinha ou um pato. Mas também aqui se exagera e em vez de matar o culpado atinge-se o inocente. Muitos dirão que ave de rapina há mais ou menos pouca importância faz, mas levando em consideração o número grande de espingardas espalhadas pela Colônia e em mão de rapazes para os quais atirar é uma distração. Não podemos negar portanto que para eles não importa atirar em pássaros úteis e em pouco tempo podem acabar com o grande número. Basta citar, por exemplo os tucanos que há anos apareciam em grande número e hoje já são muito raros".

Tradução: Edith S. Eimer.

Polêmica na imprensa da colônia

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 23 - Sábado, 2 de junho de 1883 - Ano 3

Na 1ª. página artigo com o título : **Veritas = Verdade.** . . .

"Sobre a palavra "verdade" se entende na vida comum os reconhecidos predicados do "bom senso", juízo, experiência, pesquisas científicas e leis da natureza como verdadeiras, no mais amplo sentido, o não verídico em base jesuística se refere a verdade carimbada em mentiras sem motivação. Com o último entramos aqui em contato e somos forçados a este "escape" (Não é uma ex-

pressão obscena?) relativo ao artigo publicado no "Immigrant" Nº. 8 e virando o "Blumenauer Zeitung". Em especial o jornal "Immigrant" se refere a alguns artigos publicados em nosso jornal e que ele denomina "obscenos". A leitora sob o pseudônimo "Veritas" deve ser uma leitora negligente, do contrário devia ter notado logo que "Blumenauer Zeitung" somente publicou trechos publicados no "Immigrant" sobre a criação de suínos, justamente

porque estes eram obscenos e não porque eram de interesse dos leitores. A "Veritas" não pode criticar nossos artigos como obscenos, mas estes nossos artigos de primeira página são os que chamam a atenção dos leitores e são lidos com atenção. Estamos certos, que a ela desagradam certos artigos que não estão escritos a seu gosto e nós mesmos gostaríamos as vezes de evitá-los, mas o público assim o quer. Nós temos a certeza que um grande número dos leitores, assinam nosso jornal para nos apoiar e a outra parte lê as páginas de propaganda, publicações políticas e acontecimentos coloniais e estes são os leitores que desculpam às vezes expressões um pouco "grosseiras" quando estas são dirigidas ao regime Antunes. Outrossim acreditamos que aquilo que suportam os leitores do "Immigrant" também não faz mal a nossos leitores. Já "abituamos os nossos assinantes a expressões bem mais violentas e já ouvimos referida senhora, dar gostosas gargalhadas. O "Immigrant" já no seu primeiro número, iniciou a briga e quando aceito por nós não é por causa da conservação da própria existência, mas sim acontece por causa dos leitores para que estes saibam que a nós não falta armas de combate e defesa. O "Blumenauer Zeitung" não tomou posição política nenhuma e seu primeiro ano de circulação para posicionar-se a um partido ela foi levada automaticamente pelos acontecimentos

que a comissão Antunes tinha como séquito.

O "Immigrant" também diz que nós estamos aborrecidos sobre a concorrência que o mesmo nos faz. É um fingimento quando o "Immigrant" se denomina concorrência, ele envergonha-se dos motivos de seu aparecimento e não quer reconhecer que está baseado na sua tendência de combater aqueles cidadãos que tão energicamente se opuseram à pessoa de Antunes e seu ambiente. A visão total deste meio era de péssima administração, gastos excessivos e muito mais é evidente que a estas arbitrariedades seguiam humilhações pessoais, falta de respeito para condições anteriores, egoísmo, etc. A primeira idéia de fundar um jornal de tendência veio a idéia dos liberais daqui, quando o retrato de nosso Deputado Taunay apareceu no "Blumenauer Zeitung", a isto devia fazer frente um órgão liberal com o propósito de acabar com nosso jornal, como inúmeras vezes ouvimos dizer. As assinaturas para a fundação do "Immigrant" que aconteceu sob a necessidade e consideração de recompensa sonora, elevam o valor tendencioso deste órgão mais do que através de seu conteúdo. Os assinantes fora os conservativos que se deixaram levar por esta consideração pertencem todos a um só partido, enquanto os acionistas do "Blumenauer Zeitung" pertencem a todas as cores. No ano 1877 quando estimulávamos o apare-

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauerse. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

cimento de um jornal local, acharam este empreendimento cedo demais. Poucos anos depois um jornal foi fundado e logo depois, surgia outro. A necessidade de um segundo jornal não era preciso e se este mesmo assim apareceu foi com um único propósito, um bem visível mas secreto e abjurado motivo e com isto a tendência do novo jornal selado. Que o aparecimento do "Immigrant" foi por nós sentido, o que também não queremos negar. Es-

tão na sua balança as 400 contas gastas por Antunes e comparsas. Na nossa o sadio e independente sentimento de nossa população.

Por fim queremos sugerir ao "Immigrant" que continue a briga, pois muitos de nossos leitores também são assinantes do novo jornal e por não dizer somente porque se deleitam em assistir fora da arena a disputa dos dois!!"

Tradução: Edith S. Eimer.

Colonização e Imigração

O Visconde de Taunay critica o Ministro da Agricultura

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 21

Sábado, 20 de maio 1882

Ano 2

Artigo de primeira página intitulado "Respostas do Sr. Deputado Taunay a interpelação do Ministro da Agricultura".

"Se lermos o discurso proferido pelo Ministro da Agricultura, motivo da interpelação de nosso Deputado Dr. Taunay e chegando ao fim do mesmo, temos a nítida impressão que o mesmo se destina em particular contra a Colônia Blumenau. O Senhor Ministro também indiretamente atinge a Colônia Blumenau dizendo que após uma parte dela ter sido emancipada começou uma grande gritaria contra esta medi-

da do Governo. Nós ao contrário queríamos e desejávamos a emancipação, para enfim chegar ao tão desejado Município, mas não antes, de ter alcançado o estágio exigido por Lei: estar apto a suportar as cargas exigidas de um Município. Não entendemos porque o Ministro em seu discurso se refere à hospitalidade brasileira por nós tão valorizada, se não aconteceu por ironia contra a votação de nosso deputado então porque sobre a recepção nas Colônias Alemãs. O Senhor Ministro erra grosseiramente se a hospitalidade que existe no interior do país possa servir-lhe como elogio

ao país. A hospitalidade que era uma virtude sagrada entre os teutos é somente, possível em países semi desenvolvidos, sem meios de comunicação e vida econômica e onde o trânsito entre pessoas é tão raro que um não quer ser peso para outro. Onde existem bons caminhos e estradas e em Províncias populosas, exercer hospitalidade é difícil e nestes lugares existem também hotéis que podem manter-se e fazem até bons negócios. S. Excia., com esta observação, não confirmou outra coisa do que o interior do país ainda está desocupado e sem condições de tráfego.

Como em toda colonização brasileira, encontramos referências aos últimos anos o que também se faz presente ao discurso do Ministro a menção de sacrifícios exigidos do Governo. É preciso ter uma grande convicção pessoal, senão coisa pior, fechar-se ao ensinamento que outros países tiraram da colonização. Assim muito nos admiramos do total desconhecimento desta pergunta do Ministro que tem por obrigação interessar-se pela colonização. Estamos andando no escuro em assuntos de colonização e não querem reconhecer a vantagem da imigração, porque as colônias alemãs provam quão alto é a vontade de trabalhar e a inteligência que sobressai a qualquer outra nacionalidade. Assim procura-se os sucessos visíveis nos sacrifícios do Governo brasileiro e inveja a malquerência se unem. Chama-se a construção de estradas, pontes

e edifícios públicos "sacrifícios" mas esquecem que estas não pertencem à colonização, mas beneficiam todo o país. A demissão do Dr. Blumenau, sem uma palavra de agradecimento, o Ministro desculpa com o uso constante de modificação e demissão de funcionários. Um motivo muito vago para a demissão, após 25 anos de árduo trabalho. Porque é evidente que a mesma Colônia fundada por Dr. Blumenau e administrada pelo mesmo, onde tomou como meta o bem-estar de todos, os direitos livres dos proprietários e pessoas e pela não observância na Constituição e nas Leis e as Colônias estão sujeitas ao despotismo de governadores pouco hábeis. Há nesta questão abordada a prometida futuras homenagens ao Dr. Blumenau que não compensa o sentimento ferido.

Em continuação ao seu discurso o Ministro diz que podem surgir conseqüências nefastas quando na Câmara dos Deputados surgir uma voz e reviver o espírito de desordem e subordinação, que acontecera na Colônia. Perguntamos ao Senhor Ministro o que ele ou seus subordinados, mesmo Deputados fizeram para preservar os direitos, dos trabalhadores? Nada! A intervenção dos mais conceituados cidadãos obtiveram êxito quando pediram uma revisão apartidária? Ou S. Excia. somente repetiu o conteúdo mentiroso dos telegramas e acusou uma pacata população que ela se revoltou contra funcionários do Governo? Que meios a

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

população teve de nossa Colônia e as colônias vizinhas pedir ao reconhecido Deputado senhor Dr. Alfredo Taunay defender e proteger nossos interesses, já que de nenhum lado ninguém respeitava nossos direitos? Um Ministério que não está ciente de suas obrigações para com seus súditos, não precisa recear uma interpelação e estas palavras de medo não significam mais do que sentimentos de justiça a favor dos sentimentos e ao desfavor de oprimir nossa imagem. Como o Ministro vem a falar de subordinação por nossa parte, não compreendemos se esta palavra deveria ser empregada a outras condições bem próximas.

Enfim o senhor Ministro reconhece mesmo falando a princípio de grandes sacrifícios destinados a colonização de que as Províncias Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul devem seu progresso à colonização; no entanto, não sabe o que fazer com 2.000 imigrantes, chegados ao Rio Grande do Sul, porque o Governo fez quase nada para receber algumas mil pessoas. Perguntamos somente se no ano passado, para receber, abrigar e transportar centenas de imigrantes para o Rio de Janeiro os meios concedidos já foram empregados ou se já de antemão destinados a certas pessoas para fazer negócios. Também gostaríamos de saber se a Província Rio Grande do Sul não será beneficiada com as decretadas contas por não encontrar-se localizada no Rio de Janeiro?

O amor para a colonização que o senhor Ministro tanto acentua parece não ser maior que o amor à justiça. Porque reconhecer as necessidades das Colônias

e ao mesmo tempo colocar as mesmas fora da Lei é uma contradição que somente podemos explicar da seguinte forma: Que colonos querem e precisam, mas que estes não devem sobressair sobre os aqui nascidos e não devem usar nada em seu proveito".

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 6 — Sábado, 7 de fevereiro de 1885 — Ano 5

Artigo do Dr. Rottermund sobre a imigração.

Dr. Rottermund escreve em seu jornal "Deutsche Post".

"Nos últimos tempos se falou muito sobre a imigração e também, foi feito muito relativo a ela; mas apesar de tudo a imigração não quer fluir. Sim, ela nunca estacou tanto como justamente agora. Por quê?

A única resposta só pode ser que o Brasil no estrangeiro tem uma péssima fama e que nada foi feito para melhorar esta visão.

Nossos políticos e funcionários estaduais parecem acreditar, que somente algum sucesso do moderno Liberalismo Europeu precisam ser importados para que a imigração volte a florir. Quando alguns anos passados Silveira Martins obteve o direito eleitoral dos acatólicos para deputados, muitas esperanças em relação a imigração foram aliadas a este gesto. Este direito eleitoral no estrangeiro não teve repercussão nenhuma. Quem deixa sua terra como colono a Europa pouco interesse tem se ele pode no país chegar a Deputado ou

Senador. Agora os sábios políticos encontraram o erro na falta de imigração no casamento civil. Se os liberais continuarem no Governo, o projeto do casamento civil será apresentado ao próximo parlamento. Mas quem vai procurar isto no Brasil, se tem o mesmo em sua terra? Já mais sensata é a opinião, quando se diz que a escravatura é um impedimento para a livre imigração. Mas a influência da escravatura sobre a imigração é mínima. A chamada honra que deveria afetar aqueles que trabalham lado a lado com escravos está longe dos estrangeiros e é aniquilada com a simples idéia de que um dia chegariam a ser proprietários de escravos e ser servidos por eles. Pela abolição da escravatura em si, nada é de esperado para a imigração, ela só se manifesta sobre a mesma quando aos antigos proprietários de escravos seja esclarecida a necessidade da livre imigração. A péssima fama do Brasil não se baseia na escravatura e muito menos no casamento civil, mas sim no enlameamento de todas as ordens estaduais, jurídicas e policiais, pelas quais todo o progresso é barrado. Não se deve pensar que em vão a Alemanha tem sua embaixada e consulados no Brasil. De todos os lados é comunicado que em nada se pode confiar. A politica desaparece no grande jogo dos partidos, a justiça é terrivelmente dispendiosa e por este motivo só está aí para o dinheiro. A policia

não impede nenhum crime e também de acordo com a atual jurisprudência na maioria dos casos é incapaz de perseguir os criminosos. Todos ambicionam cargos públicos, que pagam bem e são mal administrados.

Este é o quadro que é descrito de muitas provincias do reino ao governo alemão e ainda juntamos orgulhosos discursos do governo cheios de auto-elogios de como o Brasil recebe de braços abertos todas aquelas pessoas que a Alemanha não pode alimentar.

Mas em que se baseia a cordial recepção? O imigrante chega, e pessoas com idioma estranho vasculham seus pertences; ele não sabe para onde se dirigir — ali ele está traído e vendido.

No papel está escrito algo de uma comissão de recepção: nos primeiros tempos desdobram-se num interesse "crevejável" mas que infelizmente logo desaparece. A maioria dos imigrantes "que procure onde ficar"; as decepções vêm aos montes e só depois de muitas aflições e caminhadas em vão, mais gastos inúteis o imigrante chega à sua colônia.

Será que a Europa não sabe disso? Os governos o sabem através de seus Cônsules, o povo através de cartas de um parente aqui imigrado.

Mas enquanto o Brasil não deixa de seguir os bonitos discursos feitos realmente concretos, até então a Alemanha não tem nenhuma garantia de que os imi-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

grantes aqui são bem tratados.

Em vão são apontadas as prósperas colônias alemãs. Com este próspero pouco se diz. Muitas colônias estão vegetando e depois: com que sacrificio foram conquistadas! Quanta desordem, brigas e invejas imperavam sem que o governo tomasse qualquer medida para impedir isto.

Dois grandes escândalos, são as leis sobre o emprego de pastores evangélicos. O casal de religião diversa é encaminhado à Igreja Católica e lá obrigado a concordar em educar seus filhos nesta religião e também a pessoa de confissão evangélica é obrigada a aceitar o catolicismo. Não pensam que na Alemanha não estão a par desta situação. Sente-se isto no comportamento das pessoas dirigentes. Mas é uma obrigação errônea (?) de introduzir por este motivo o casamento civil, mesmo tão errada e abjeta porque neste projeto novamente é concedido grande privilégio à igreja católica. Portanto o mal não é eliminado. Porque nossos **liberais** não têm a coragem de retirar estes privilégios da igreja oficializada no Brasil e que levava a tantos desentendimentos. Por que não se declara simplesmente:

Casais de religiões diversas podem contrair matrimônio perante um religioso de uma das religiões? Não é somente um rebaixamento da posição do religioso evangélico de que o Estado o diminui a posição de qualquer indivíduo eleito por uma meia dúzia de pessoas; isto pode ser considerado um rebaixamento dos cristãos evangélicos em si. Mesmo aqueles, que se beneficiam na escolha de qualquer religioso, com simpatia aceitaria uma Lei que fundamentalmente regularia os assuntos da igreja evangélica.

É quase incompreensível que se espera da Prússia que a mesma, devia suspender a proibição de Heyd sobre a imigração, enquanto o Brasil admite tais manobras escandalosas. Os liberais ainda não mostraram a coragem suficiente até o momento de igualar as diversas confissões. O que nós, evangélicos vamos fazer? Se não esperar. A questão de imigração tornou-se o tema atual, mas é evitada assim como o gato evita a água. Procuram atacar uma vez as verdadeiras causas; acabar com elas não é fácil, mas seria patriótico".

Tradução: **Edith Sophia Eimer.**

Pensamentos

- Existem pessoas que nascem sorrindo, vivem fingindo e morrem mentindo — Herbs.
- Havendo orgulho haverá confusão; havendo humildade, haverá sabedoria — J.S.G.
- Não te entristeças quando a noite chega. Há sempre a esperança do amanhã.
- Ama teu filho. Ele é a coisa nova onde terminam as maldades e as coisas boas principiam.
- Dêem autoridade a um homem e conhecereis sua verdadeira personalidade.

DIA 1º. — Comemorando o seu 5º. aniversário de existência, o Grupo Folclórico "Blumenauer Volkstanzgruppe", pertencente ao Centro Cultural 25 de Julho, fez apresentação especial de danças folclóricas, perante numeroso público, seguindo-se de um concorridíssimo baile.

* * *

DIA 4 — A imprensa (JSC) noticia com destaque o grande sucesso alcançado com a realização da 1ª. Feira da Amizade, cuja organização foi coordenada pela primeira dama do município, sra. Vera Kleinubing.

* * *

DIA 4 — Com a presença do prefeito Vilson Kleinubing, foi realizado um coquetel de lançamento dos XVI Jogos Estudantis da Primavera. O evento aconteceu na sede da Associação Atlética Banco do Brasil, no bairro Ponta Aguda.

* * *

DIA 4 — No Gabinete do prefeito municipal foram empossados os membros da Comissão Municipal de Desenvolvimento Econômico, nomeados através do decreto nº. 3.381.

* * *

DIA 5 — Pela lei 3.587, foi declarada de utilidade pública municipal a Associação dos Moradores do Loteamento Bandeirantes e Adjacências, localizada no bairro Salto do Norte.

* * *

DIA 6 — Com a presença de diversos secretários do município e assessores, foi dada posse, no salão nobre da Prefeitura, aos membros da Comissão de Patrimônio Histórico de Blumenau, que passou a ser órgão consultivo da Prefeitura. Os membros que tomaram posse, foram: o Secretário de Planejamento, Paulo Gouvêa da Costa, o promotor de justiça César João Cim, o sr. Frank Graff pelo Departamento de Cultura, o jornalista e escritor José Gonçalves, diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau", Elke Hering, presidente do Conselho de Cultura, o representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional arquiteto Dalmo de Abreu Vieira, os arquitetos Stênio Vieira, Egon Belz, Hans Broos e Vilmar Vidor.

* * *

DIA 14 — Sob os auspícios do Departamento de Cultura da Prefeitura, com o apoio da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras da FURB, foi realizada a primeira sessão do Projeto Letra Viva, o qual reuniu os poetas blumenau-

enses (nascido em Indaial) Roberto Diniz Saut e Salete Delourdes. O objetivo do projeto é o de divulgar os escritores e poetas locais, tornando-os mais identificados com o público.

* * *

DIA 15 — No Centro Cultural 25 de Julho, foi promovido o VIII Encontro Internacional de Corais, que tem o patrocínio da Prefeitura Municipal através do Departamento de Cultura. O evento teve como participação especial o Coral Schubert Chor Rastatt, da Alemanha, entre numerosos outros participantes.

* * *

DA 15 — Em solenidade que contou com diversas pessoas, entre as autoridades municipais, foi realizado o batismo de três novos barcos do tipo "Out-rigger", sendo um para 8 remos, outro para 4 remos e um "Single Skiff".

* * *

DIA 16 — Este foi mais um Dia de Lazer, organizado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, com a promoção da Feira Proarco — Programa de Arte Comunitária, em sua quinta edição. O local da concentração foi em frente ao Biergarten, à rua 15 de Novembro.

* * *

DIA 17 — Em sessão solene, foi procedida a Abertura do IV Congresso Nacional de Funcionários de Câmaras Municipais, cujo ato ocorreu às 20:00 horas no Teatro Carlos Gomes.

* * *

DIA 21 — Foi aberto o 3º Festival Universitário de Teatro de Blumenau, acontecimento que vem alcançando cada vez mais sucesso. O Festival é promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, Divisão de Promoções Culturais da Fundação Universidade Regional de Blumenau, Rede Brasil Sul de Comunicações e o SESI, assim como a Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, local do acontecimento.

* * *

DIA 18 — No Salão de Cristal do Plaza Hering, foi aberta a exposição de pinturas - óleo sobre tela - da aplaudida artista plástica Hannelore Klomfass.

* * *

DIA 18 — Dados estatísticos fornecidos pelo Serviço Municipal de Trânsito, apontam a ocorrência de 334 acidentes durante o mês de junho em Blumenau. Dos acidentes registrados, 275 foram sem vítimas, 59 com vítimas, e ainda 85 feridos e 5 mortes.

* * *

DIA — 23 — A partir deste dia, houve uma série de modificações no sistema viário do centro da cidade e que passaram a serem aplicados a partir da manhã do mesmo dia.

* * *

DIA 23 — Em solenidade presidida pelo prefeito em exercício Victor Fernando Sasse, foi empossado o novo Conselho Curador da

Fundação "Casa Dr. Blumenau", cujos membros são os seguintes: Ingo Wolfgang Hering, Rolf Ehlke, Ilse Schmider, Frederico Kilian, Artur Fouquet Senior, Nestor Seara Heusi, Martinho Bruning, Urda Alice Klueger, Júlio Zadrozny, Frank Graff e Ernesto Stodieck Júnior. Na oportunidade foram eleitos por aclamação presidente do Conselho o sr. Frederico Kilian e vice-presidente a escritora Urda Alice Klueger. Na mesma reunião, com o respaldo do prefeito municipal em exercício, foi reconduzido às funções de Diretor Executivo e editor da revista Blumenau em Cadernos, o jornalista José Gonçalves que exerce tais funções desde junho de 1977. O mandato do atual Conselho será de dois anos.

* * *

DIA 26 — No auditório do Colégio Franciscano Santo Antônio, aconteceu a apresentação do Coral Canarinhos de Petrópolis, que é mantido pelo Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis. No mesmo dia, os meninos componentes do coral, foram recepcionados pelo prefeito em exercício Victor Fernando Sasse, para o qual cantaram dois belíssimos números de seu vasto repertório, sendo um em português e outro em língua alemã.

* * *

DIA 30 — Cerca de 950 atletas de diversas categorias participaram da Terceira Maratona de Blumenau, num percurso de 42.195 metros, partindo de Itajaí. A competição atraiu para Blumenau mais de 400 atletas vindos de outras cidades catarinenses e Estados brasileiros.

PREFEITOS DE BLUMENAU NOMEADOS EM 1941

Ano 48 "Der Urwaldsbote" N.º. 92
Sexta-feira, 16 de maio de 1941
(Notícias locais)

NOVOS PREFEITOS

No cargo de prefeito, em substituição ao Sr. José Ferreira da Silva, foi nomeado o Sr. José Simão de Souza. O novo prefeito ocupava anteriormente o cargo de Inspetor no Departamento de Administração Municipal e o mesmo prometeu fazer tudo que estiver ao seu alcance para o bem de Blumenau.

O prefeito que está se despedindo, Sr. José Ferreira da Silva recebeu uma carta do Interventor Federal, na qual agradece seus serviços prestados à cidade.

Ano 48 "Der Urwaldsbote" N.º. 104
Sexta-feira, 27 de junho de 1941.
(Notícias locais)

Esta semana transpareceu a notícia que Dr. Afonso Rabe será prefeito de Blumenau. O Interventor de nosso Estado, escolheu a pessoa de Dr. Rabe para prefeito, o que para nós é uma grande satisfação justamente por ser filho desta cidade e o mesmo pode ter certeza de todo apoio de nossa comunidade.

JUSTIÇA / JÚRI NO COMEÇO DO SÉCULO

O que diz um manifesto distribuído à população

Acontecimento no Salão Holetz

Na noite de São Silvestre 1913 — 1914

Acusação e Condenação

“Por causa de leves danos corporais, cometidos contra o engenheiro senhor Wenceslau Breves na manhã do ano novo, foram acusados os senhores, marceneiros Max Riedel, Hermann Klath, jardineiro do cemitério, Max Wehmuth proprietário de carroças, e Oscar e Bruno Wehmuth, pedreiros.

Na quinta feira dia 8 do mês em curso se reuniu o Tribunal de correção para o julgamento dos acusados. Era o mesmo composto pelos Senhores: Oscar Rüdiger, juiz de paz, Julius Probst, Leopold Rabe, Guido Kästner como jurados e Promotor M. Barreto. Como defensor dos acusados serviu o senhor Luiz Abry, e como representante da acusação o senhor Thomé Braga.

No salão do júri estavam presentes além de inúmeras pessoas da cidade e vizinhança os senhores Dr. Joaquim Breves Filho, chefe da Comissão de Estudos, o Cônsul Custav Salinger, Inspetor Geral Orestes Guimarães, Tenente Pompeu Dias e os representantes dos jornais locais.

Como testemunhas foram chamadas: por parte da acusação os empregados do Hotel Holetz, Alex Holetz e Gern, o senhor Petersen, Oswald Schmidt e Bonnemasson; por parte da defesa os senhores E. Kielwagen, Ferdinand Budag, Freymund Freygang, Ro-

bert Rothbarth e Wilhelm Richter.

Dos depoimentos se conclui, como já foi publicado que vários jovens entre os quais o engenheiro Wenceslau Breves entraram no salão sem permissão entre 2 e 3 horas da manhã, onde a Sociedade “Gennitlinchkeit” (uma sociedade fechada) festejava a passagem do ano com um baile.

Provado foi ainda que o senhor Wenceslau Breves, por diversas vezes foi convidado por sócios e por fim pelo presidente da Sociedade senhor Max Riedel a deixar o salão, e que com as repetidas solicitações do senhor Riedel ao senhor Wenceslau Breves, para deixar o salão, foi por este agredido.

Provado foi ainda, que depois da agressão diversos membros da diretoria e sócios, entre os quais cinco acusados, forçaram o senhor Wenceslau Breves a deixar o salão, arrastando-o para a varanda e que o ameaçado ali foi agredido a socos que são os vestígios dos ferimentos na cabeça e rosto.

De todas as testemunhas, ninguém viu realmente quem deu os socos. Que isto aconteceu está claro, também porque 5 pessoas suspeitas estão sob acusação.

Mas hoje aqui não queremos nos deter sobre o discurso de a-

cusação do promotor bem como o da defesa para chegar ao término da sessão.

Por parecer dos jurados foram com 2 votos contra um os senhores Max Riedel e Max Wehmuth condenados a 17 1/2 dias de cadeia e o restante dos acusados para pagar as despesas do júri.

Depois de lida a sentença que foi ouvida em silêncio profundo, o defensor Luiz Abry recorreu da sentença e se ofereceu a prestar aval aos acusados condenados para não levá-los de imediato à prisão. Isto foi negado pelo promotor como ilegal e os condenados foram logo levados à cadeia.

Já eram 7 1/2 horas da noite. As pessoas que assistiram a sessão e ouviram a leitura da sentença estavam em sua maioria revoltados sobre a mesma, porque pouca atenção se havia dado considerando o que realmente aconteceu naquela manhã de 1.º de janeiro.

Mas mesmo assim as pessoas aos poucos se retiraram discutindo meios para melhor proteção do direito das pessoas.

Na sexta feira de manhã os dois acusados Max Riedel e Max

Wehmuth com o aval do senhor A. Schrader e Otto Wehmuth pai do senhor Max Wehmuth, foram colocados em liberdade por enquanto.

O recurso contra a sentença, tomará agora o seu curso normal mas esperamos que a continuação do assunto saia para satisfação de todos.

De lamentar é que, neste caso novamente saíram telegramas daqui para fora, que querem prejudicar a sociedade local. O que nós lemos no jornal "Novidades" sob a rubrica é uma vilania e faremos tudo para esclarecer quem são estes instigadores e qual seu objetivo.

Dizendo claramente, nós lamentamos o acontecido porque provoca um distúrbio em nossas condições que justamente agora estão num progressivo desenvolvimento e este distúrbio não esperávamos.

Direito tem que ser direito!

Deixemos que estas palavras sejam nossa divisa mas com calma e educação que honra a população Blumenauense.

Neste sentido também continuaremos a pensar e agir".

Tradução: **Edith Sophia Eimer**

ERRATA

Na edição de julho último, nº. 7, desta revista, foi publicado com alguns erros do autor, cuja correção o fazemos agora, nesta edição, no artigo do Dr. Raulino Reitz, intitulado "Biografia do imigrante João Reitz. Eis as correções: Na página 192, linha 6, lê-se Ana Kett, em lugar de Ana Ket. Na página 192, linha 34, lê-se 18 de outubro de 1846, em lugar de 18 de outubro de 1856.

PENSAMENTOS

- O homem superior compreende o que é certo; o homem inferior só compreende o que pretende impingir.
- Quanto mais conhecemos a humanidade, mais admiramos o cão — Jousnel.
- O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é — Albert Camus.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISetas E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA